

O ANÚNCIO DA ESPERANÇA CRISTÃ: UMA REFLEXÃO ECLESIAÍSTICA E MISSIOLÓGICA SOBRE O DIÁLOGO DA IGREJA NO MUNDO

Cristiano de Siqueira Mariella

Doutorando e Mestre em Teologia pela PUC-Rio. Mestre em Engenharia Civil pela UFF. Pós-graduado MBA em Marketing Empresarial pela UFF. Graduado em Teologia, Administração e Ciências Contábeis. Graduando em Filosofia pela UNINTER. Coordenador dos Cursos de Administração e Ciências Contábeis da Universidade Salgado de Oliveira (UNIVERSO) e Professor dos Cursos de Pós-graduação da Universidade Estácio de Sá (UNESA). E-mail: professorcristianomariella@gmail.com. Currículo da Plataforma Lattes: <http://buscatextual.cnpq.br/buscatextual/visualizacv.do?id=K4437741Y2>.

ORCID ID - 0009-0005-3386-9049

O ANÚNCIO DA ESPERANÇA CRISTÃ: UMA REFLEXÃO ECLESIÁSTICA E MISSIOLÓGICA SOBRE O DIÁLOGO DA IGREJA NO MUNDO

Resumo

Pretendemos propor alguns apontamentos para integrar uma hipótese para que o diálogo eclesial, assestado para o anúncio da esperança cristã na evangelização, possa desconstruir ou evitar o enclausuramento das igrejas em suas denominações. Portanto, a situação-problema do trabalho foi saber se o anúncio da esperança cristã na evangelização pode evitar a recolha e a “endogenia” das igrejas decorrentes das convicções doutrinárias. O objetivo geral traçado para o presente estudo foi discutir se é possível que o anúncio da esperança cristã na práxis da evangelização, e da eclesiologia que dialoga com o mundo hodierno, seja capaz de reduzir a desesperança que tem sido construída no âmago dos necessitados na realidade brasileira. A metodologia do artigo foi o levantamento bibliográfico e a pesquisa teórica, arriados em fontes consistentes e proficientes do ponto de vista taxonômico. Os resultados demonstram que a esperança cristã pode ser considerada eficaz para minimizar a desesperança no ambiente da miséria e da indigência, bastando o cristão entender que ele é parte influente desse processo e precisa estar presente com ajuda no ápice onde ocorre o sofrimento humano. Percebemos que esse comportamento, que parte do individual para o coletivo, é armígero na luta contra o enclausuramento denominacional.

Palavras-Chave: Eclesiologia. Diálogo. Esperança. Missão. Evangelização.

Abstract

We intend to propose some notes to integrate a hypothesis so that ecclesiastical dialogue, aimed at the announcement of Christian hope in evangelization, can deconstruct or avoid the enclosure of churches in their denominations. Therefore, the problem-situation of the work was to know if the proclamation of the Christian hope in evangelization can avoid the collection and “endogeny” of the churches resulting from doctrinal convictions. The general objective outlined for the present study was to discuss whether it is possible that the announcement of Christian hope in the praxis of evangelization, and of the ecclesiology that dialogues with the modern world, is capable of reducing the hopelessness that has been built in the heart of the needy in reality Brazilian. The article's methodology was a bibliographic survey and theoretical research, based on consistent and proficient sources from a taxonomic point of view. The results show that Christian hope can be considered effective in minimizing hopelessness in an environment of misery and indigence, as long as Christians understand that they are an influential part of this process and need to be present with help at the height of human suffering. We realize that this behavior, which starts from the individual to the collective, is an armiger in the fight against denominational enclosure.

Keywords: Ecclesiology. Dialogue. Hope. Mission. Evangelization.

Introdução

A seção introdutória inicia apresentando a razão prevalecente para a origem do estudo. Inicialmente, deveria ter, de cunho obrigatório, fundamento basilar no contexto da eclesiologia contemporânea e na missão evangelística, que estribam temáticas dialogais e direcionam a relevância do anúncio evangelístico firmado na esperança da utopia cristã e no eschatos[1]. Por isso, pensamos em abordar temas como esperança, desesperança, igreja, missão, evangelização e espiritualidade cristã. O anúncio do Evangelho conduz à esperança em Cristo e ao conforto espiritual, sendo o cristão parte responsável nesse processo dialogal. O problema mais delicado nesse contexto é o fato plangente de algumas igrejas estarem se agrilhoando diante desse compromisso e, dessa forma, a missão não é cumprida de forma plena como a Bíblia orienta (Mt 28:19-20; Mc 16:15-16).

A desesperança no cenário de quem sofre, indubitavelmente, afeta nossa práxis de espiritualidade cristã. Sabendo que Deus é Amor[2] e que o ser humano é habitação do Espírito Santo (1 Co 6:19), precisamos imprimir esse amor nos nossos discursos e ações, assumindo um movimento teórico-prático de espiritualidade encarnada, que parte das emoções em sentir a paixão de Cristo, para a razão em saber que nada merecemos, a não ser o deleite de sermos usados por Deus.

Enquanto cristãos regenerados e novas criaturas (2 Co 5:17), não devemos fazer dicotomias entre discursos e ações. Ao contrário, precisamos associá-los, harmonizá-los e integrá-los, pois bem se sabe que “a boca fala do que está cheio o coração” (Mt 12:34).

[1] O termo “escatologia” (do termo grego eschatos, que significa “último”; logos, “raciocínio”), expressa a chamada “teologia das últimas coisas”, “do fim dos tempos” ou “dos últimos dias”. Tem sido empregado “desde o século XIX para designar a divisão da teologia sistemática que lida com tudo o que era profeticamente futuro na época em que foi escrito, isto é, profecias que já se cumpriram, como também profecias que ainda não se cumpriram. Importantes assuntos de profecia incluem predições com relação a Jesus Cristo, tanto em sua primeira vinda como na segunda, Israel, os gentios, Satanás, cristianismo, os santos de todas as eras, a futura Grande Tribulação, o estado intermediário, a ressurreição dos mortos, o reino milenial, o juízo final e o estado eterno”. PFEIFFER, Charles. F.; VOS, Howard. F.; REA, John. Dicionário bíblico Wycliffe. 4.ed. Rio de Janeiro: CPAD, 2000, p. 662.

[2] Versículos bíblicos que deixam evidente que Deus é Amor: 1 Jo 4:7-8; 4:10; 4:15-16; 4:19. Sl 36:7, 63:3; 86:15; 136:1. Jo 3:16. Ef 2:4-5. Rm 5:8. Mq 7:18. 2 Co 13:11.

Assim, viveríamos com mais sinceridade e honestidade o Evangelho que tem poder transformador sobre a vida do ser humano. Em vista disso, a práxis de espiritualidade em amor, considerando a pouquidade real de boa parte da população brasileira e as ordenanças bíblicas para anúncio do Evangelho, justifica a efetividade da concretude observável na vida dos que precisam de algum tipo de ajuda.

Pensando na estrutura metodológica do trabalho, a situação-problema foi saber se o anúncio da esperança cristã na evangelização pode minimizar a desesperança construída no cerne das dificuldades humanas.

O objetivo geral traçado para o presente estudo foi discutir se é possível que o anúncio da esperança cristã na práxis da evangelização seja capaz de minimizar a desesperança que tem sido construída na realidade brasileira. A taxonomia para definição da metodologia do artigo envolve levantamento bibliográfico e pesquisa teórica, esteados nos conteúdos mais recentes sobre os temas propostos.

O presente trabalho se justifica pelas contribuições sociais que é capaz de fomentar. Uma vez que a práxis da espiritualidade e o amor inclinado à evangelização começam a atingir a realidade das pessoas carentes com ações sociais, com evangelização, com educação, com saúde, com oportunidades de trabalho, e muitos outros tipos de ajuda e cuidado, pessoal e humanitária, existirão reais possibilidades de desenvolvimento social no sentido de resgatar aqueles que enfrentam algum tipo de dificuldade, material e/ou espiritual, bem como aqueles, ainda não espiritualmente separados, para a salvação.

A esperança cristã no pensamento de Jürgen Moltmann

Moltmann é considerado um dos teólogos mais importantes do século XX, sendo uma das figuras mais representativas da área de teologia. A teologia que ele produz atinge um viés público surpreendente e foi denominada Teologia da Esperança. Nela, o autor propõe, em termos escatológicos e se debruçando em vários estímulos buscados na filosofia e na sociopolítica, uma remodelagem interpretativa da mensagem cristã. Sua frase adiante deixa claro essa perspectiva: “Nós não somos só os intérpretes do futuro, mas já os colaboradores do futuro, cuja força, na esperança como na realização, é Deus”.^[3]

De acordo com fontes biográficas francas, Moltmann pertenceu à última geração da guerra na Alemanha. Ele sobreviveu, no ano de 1943, quando tinha apenas dezesseis anos, a um bombardeio aéreo que devastou sua cidade natal, Hamburgo. Foi necessário batalhar na guerra aos dezessete anos. Aos dezoito anos, debaixo de escombros e muita destruição e mortes, recebeu uma arma e foi para a frente de batalha. Com idade de dezoito anos foi preso e permaneceu em uma prisão de guerra por três anos. No ano de 1943, mais de quarenta mil judeus foram queimados pelos alemães nos campos de Bielorrússia. Moltmann deixa claro que o extermínio de inocentes do qual foi forçado a ser testemunha, de uma forma ou de outra, perpassou as vítimas e os algozes e repousou no mais íntimo da divindade. ^[4]

Neste sentido, Moltmann observa as possíveis relações existentes entre o sofrimento de Jesus na cruz e o flagelo das vítimas por ocasião da guerra, ressaltando que a humanidade estava em profunda decadência.

[3] MOLTSMANN, Jürgen. Teologia da esperança. São Paulo: Herder, 1971, n.p..

[4] MOLTSMANN, 1971, n.p.

Essas vivências e angústias no campo, o genocídio em Auschwitz e outras atrocidades, despertaram uma profunda crise de fé em Moltmann. Nas palavras do autor: “o meu mundo interior desabou. Eu recolhi meu coração que sangrava dentro de uma carapaça de imperturbabilidade e apatia” [5]. Foi assim que nasceu, no interior dos muros das crueldades, na insanidade da maldade humana sobre humanos sem culpa, da inocência alheia e passiva, das aberrações desse período triste da humanidade, a temática da esperança que regou toda sua teologia.

A metodologia para desenvolvimento da Teologia da Esperança de Moltmann não é trivial por não corresponder ao tradicional fazer teológico que geralmente ocorre, alcançando, inclusive, uma sistematização consistente e dimensões mais profundas com alto grau de proficiência.

Durante a Segunda Guerra Mundial, mergulhado no campo de concentração, entre dores e sofrimentos, no abandono, no esquecimento, na escassez, observa sua teologia emergir para formação de pensamento prático, fincado em uma realidade dura e triste. Esse comportamento é muito peculiar na realidade daqueles de se deparam com a morte. Nessa situação, é necessário clamar a Deus e buscar um sinal de esperança, um fôlego de intrepidez, mesmo que modesto, para gerar forças para enfrentamento das dificuldades que parecem não ter fim.

O pensamento escatológico de Moltmann busca compreender, portanto, o Reino de Deus a partir das vivências e da história que devem gerar esperança na comunidade de fé que peregrina direção à salvação.

Com isso, é importante evidenciar que a missão precípua da igreja local é ser instrumento de realização do Reino de Deus no canal da esperança, apontando para o Deus Crucificado e Ressuscitado, vislumbrando a vida eterna.

[5] MOLTSMANN, 1971, p. 10.

Neste sentido, é a esperança cristã que oferece as forças necessárias para cumprimento da missão evangelística rumo ao alcance dos ainda não salvos por meio do diálogo aberto com o mundo.

O fenômeno do enclausuramento denominacional

O enclausuramento denominacional[6] direciona, muitas vezes imperceptivelmente, os eventos das comunidades de fé, igrejas e entidades, para o interior numa espécie de “endogenia cristã”[7]. Os motivos incipientes para esse movimento de enclausuramento, naturais ou não, são vários: a) fugir do pecado do mundo; b) gerar conforto entre os membros por meio de comunhão; c) privar o sagrado; d) buscar santificação; e) proteger os consanguíneos do mal exterior; f) livrar da exposição ao pecado; g) desvencilhar das influências consideradas inapropriadas aos que seguem o Evangelho; h) distanciar do mundo que está sob o poder maligno (1 Jo 5:19); dentre muitos outros.

Logo, essa dinâmica para o interno pode ser considerada uma busca pelas benesses, no recôndito eclesiástico, da vida eterna antecipada do Reino que foi prognosticado por Jesus, o que em sentido algum deixa de ser uma prática egoísta, e não atende as ordenanças de evangelização. Buscar o Reino antecipado e apresentado na humanidade significa desfruir parte das dádivas da vida eterna.

Essa direção sepulta, na maioria dos casos e atividades, a práxis da evangelização e as ações de amor e cuidado junto aos enlutados e sedentos do Evangelho.

[6] O teólogo reformado alemão Jürgen Moltmann, professor emérito de teologia sistemática da Universidade de Tübingen e autor da conhecida Teologia da Esperança, tem deixado evidente, em suas pesquisas e escritos, que as igrejas contemporâneas têm se fechado para o diálogo com o mundo. O enclausuramento denominacional é, portanto, um fenômeno que ocorre atualmente, uma vez que as denominações estão se voltando para o seu próprio interior em um processo endógeno de privação, intencional ou induzido, inclinado e movido por doutrinas denominacionais, com o objetivo intrínseco de fugir do mundo atual marcado pela maldade, pelo pecado e pelo ateísmo (ou evitar a “pertença” no mundo atual como prática de santificação).

[7] São eventos internos realizados apenas para os membros de determinada igreja em um processo cíclico e periódico. Ou seja, os eventos se renovam a cada período, mas sempre direcionados para dentro da igreja. Funcionam como um sistema fechado que constrói e implementa uma comunicação irregular e acanhada com o exterior, além das fronteiras eclesiásticas.

Sendo assim, o enclausuramento denominacional pode ser considerado um movimento de “espiritualidade egocêntrica”[8] e anticristã, mesmo que pesados sejam os termos, pois o Ide de Jesus (Mt 28:19; Mc 16:15), por exemplo, enseja saída e não entrada, é dinâmico e não retraído, sendo muito mais essencialmente um “ir” do que um “vir”.

O desejo de ser súdito sob o governo de um rei amoroso e abençoador tem de, coerentemente, movimentar uma inclinação ainda mais intensa no cristão de levar consigo os semelhantes para esse paraíso espiritual que está, em termos definidos e ainda não plenamente efetivados, no por vir. Percebendo o agir de Deus que envolve o ser humano para muitas de suas finalidades, fica claro que a evangelização é um dos caminhos para cumprir esse intento missionário, uma vez que Deus nos ordenou, nos fazendo luz para aqueles ainda não salvos, para levarmos a mensagem da salvação até aos confins do mundo (At 13:47).

O isolamento eclesiástico relacionado aos eventos internos das igrejas, de forma consciente ou inconsciente, sincera ou nem tanto, acaba fomentando a institucionalização que encerra e molda as igrejas como entidades cristãs voltadas para dentro, para o interior que se apresenta dominador.

Então, nesse caso, algo precisa ser mudado, os olhos precisam ser abertos ou redirecionados para o mundo que está em expectativa às portas dos fins dos tempos, muitas vezes sem ter consciência disso. A igreja precisa abarcar os temas teológicos e sociais alinhados no cumprimento da missão, tais como esperança, pecado, salvação, cuidado ao próximo e vida eterna no anúncio das boas novas de Jesus.

[8] Comportamento realizado por alguns cristãos em que suas práticas de espiritualidade são voltadas apenas para si e para os membros da mesma igreja no máximo

Anunciar a esperança cristã dentro do plano de salvação, contextualizado no cenário das frustrações e das necessidades humanas, só é possível se a igreja deixar de implementar apenas eventos oclusos, incapazes de atingir o sofrimento e as dores humanas. Ações essencialmente internas são inócuas e diminutas quando voltadas apenas para os membros da igreja que já alcançaram a salvação por meio de Jesus Cristo. Nesse caso, exemplificando, seria o mesmo que fazer culto evangelístico para os já salvos.

“Hoje, cristãos, igrejas e teologias como o pathos da verdadeira fé, da sã doutrina e da moral cristã diferenciável estão em perigo de serem tomados por esta fé mesquinha. Eles se muralham defensivamente no próprio círculo e se denominam escatologicamente ‘o pequeno rebanho’ ou o ‘remanescente fiel’ e entregam o mundo exterior à impiedade e imoralidade condenada por eles mesmos. Eles lamentam a assimilação da cristandade na sociedade secular, decaída ‘dos bons e velhos tempos’ e acusam a perda de identidade daqueles que entram nos problemas desta sociedade, teologicamente e na prática, para trabalhar com os outros na solução. Mas eles mesmos, por causa dessa reação, caem no perigo de perder a identidade por meio de uma assimilação passiva. Eles aceitam a crescente solidão da igreja e ainda contribuem para que ela aumente por meio do seu isolamento, fazendo dela uma seita insignificante à margem da sociedade”[9].

O enclausuramento denominacional não é um processo estanque. Ele inicia de forma natural e imperceptivelmente serena, quando os laços de unicidade e irmandade são constantemente renovados, demasiados, e “eclesiologicamente” superdimensionados, fortalecendo o “escondimento social” que, airoso, afasta as comunidades de fé da sociedade, mesmo dela fazendo parte.

Emparedar-se nas igrejas pode ser considerado, inclusive, um sinal de “arrogância espiritual inconsciente”, pois acaba desenvolvendo o desejo presunçoso de viver no Reino que não é exclusividade do “crente enclausurado”, mas que foi deixado como possível morada para todos os serem humanos salvos em Jesus.

[9] MOLTMANN, Jürgen. O Deus crucificado: a cruz de Cristo como base e crítica da teologia cristã. Santo André/SP: Academia Cristã, 2011, p. 39.

Esse Reino, que é real, infindável e ininterrupto, deve ser regozijo para a humanidade toda, na vida terrena, na morte e na vida eterna.

O cristão que tem ousada para avançar e pregar o Evangelho tem de cobrir suas atividades missionárias em oração, pedindo livramento ao Pai dos acontecimentos inóspitos, numa questão de fé diante de um mundo de maldade e pecado. A “blindagem cristã” não pode mover para uma construção arquitetônica, o prédio da igreja, mas sim para a perseverança em oração e louvor, para que seja possível estar no mundo fazendo a obra na realidade social em diálogo com outras entidades.

O cristão precisa perceber que esse comportamento no “culto selado e isolado” é uma atitude anticristã e estorva com o abaulamento da espiritualidade do ser em sair do perímetro eclesiástico para fazer o bem na vida daqueles que clamam por ajuda neste mundo de injustiças.

“Movimentos semelhantes aos da teologia também surgiram na igreja. Conforme mais membros atentos sentiam-se ameaçados pelo crescente isolamento social e segregação cultural de suas igrejas, mais buscavam, na prática, pela relevância da vida cristã ‘para o mundo’, ‘para outros’, e pela solidariedade para com o homem na sua humanidade ameaçada e traída. Uma igreja que não muda para estar à disposição da humanidade do homem em novas circunstâncias fossiliza-se e morre. Ela se torna uma seita insignificante à margem de uma sociedade tomada por rápida mudança social. As pessoas se perguntam qual diferença faz pertencer ou não a está igreja. Apenas os velhos, cansados e resignados, que não entendem mais o mundo, encontram em tal igreja o amparo do permanente-eterno, do antiguiíssimo e do folclore religioso”[10].

[10] MOLTMANN, 2011, p. 29.

Assim, o cristão se acostuma com o conforto da igreja (o prédio, o clube, o entretenimento, os amigos, os eventos...), preferindo a vida no “escondido do acomodado”, na “cripta subterrânea” do aconchego espiritual.

Nesse sentido, parece que os ateus e os cognominados “sem religião” são muito mais sinceros e verdadeiros com as consequências da vida porque muitas vezes efetivam ações que contribuem para a redução da pobreza, da fome e das diferenças sociais.

Os púlpitos, repletos de expressões e promessas de vida eterna (não que essas mensagens sejam verdadeiras ou falsas, sinceras ou falaciosas), também são fatores incentivadores do “movimento enclausurador” que se distancia do conceito universal de igreja (ekklesia) para mobilizar uma assembleia no mundo que alcance as pessoas ainda não separadas com a mensagem salvífica de Jesus.

É grande ilusão acreditar que o enclausuramento nas igrejas é uma atitude protetora da denominação e de seus pertencentes, diante da maldade do mundo. O mal tem relação com o pecado, e este é inerente ao ser humano, cristão ou não convertido, onde estiver e nas suas ações, como uma questão que abrange mais uma essência (natureza) que um formato apenas (ações práticas).

Ou seja, cristãos membros de igrejas também praticam o mal, indubitavelmente é uma realidade triste, pois todos também pecaram e estão destituídos da glória de Deus (Rm 3:23). Então, o enclausuramento se configura, em última instância, numa proteção frágil, um isolamento insensato e descompromissado com as verdades do Evangelho, muitas vezes inútil e prescindível, que inibe o avanço missionário no mundo.

A desesperança construída no âmago da realidade dos necessitados

O que espera aquele que sofre com a fome? Qual é o conteúdo da esperança no cenário da miséria, das dores, das doenças e das frustrações? Essas questões ensejam respostas lógicas e racionais em muitos casos.

Para alguém que sofre é imprescindível cessar o sofrimento. Exemplificando, quem tem fome quer comer, quem tem sede quer beber, quem precisa se abrigar quer moradia, quem adoece facilmente quer saúde e cura, e apenas quem sofre com a ignorância e com a falta de esclarecimento[11] muitas vezes não sabe que a educação seria um processo profícuo para livrar o sofrimento dos que estão nas margens da felicidade.

A esperança evangelística não comunicada, que figura apenas na abstração e nas intenções, gera e nutre a desesperança real na vivência social. Conseqüentemente, a desesperança desemboca numa esfera onde nada mais na vida faz sentido. Na realidade de quem sofre nas variadas lutas da vida, pode parecer impossível, incondicionalmente, sair do estado de dor e se libertar do padecimento e, sem exageros, das mazelas sociais.

Alguns regimes de governo destroem a esperança por meio da mentalidade de que os recursos destinados à satisfação das necessidades humanas básicas devem sempre direcionar a valores monetários não disponíveis a todos. O mercantilismo orientado pelos lucros “a qualquer preço” e pelo acúmulo ganancioso de riquezas financeiras contribui bastante para a expansão das desigualdades sociais.

[11] O filósofo prussiano Immanuel Kant escreveu, entre outras, a obra “Resposta à questão: o que é Esclarecimento?” O autor trabalha a ideia de que o homem precisa sair da sua condição de menoridade. No pensamento do autor, o homem precisa usar por si só a razão, e a coragem de obter conhecimento é o próprio objetivo do esclarecimento. O homem, que é muitas vezes dependente de tutores do conhecimento, os professores, deve utilizar o uso público da razão para obter liberdade e sair do estado de menoridade.

Quando as ações são realizadas considerando vantagens patrimoniais e financeiras, a má distribuição de renda se intensifica e a vida na escassez patrimonial parece ser um buraco sem fim.

“a) Na dimensão econômica da vida, há o círculo vicioso da pobreza. Ele consiste em fome, enfermidade e mortalidade, sendo provocado pela exploração e pela dominação da classe. Há círculos viciosos de pobreza em sociedades individuais, entre as nações industriais desenvolvidas e nos países agrários subdesenvolvidos, os antigos territórios coloniais. O sistema econômico de trabalho e da produção continua produzindo avanços desiguais e injustos em momentos diferentes. Dessa forma, a renda per capita total aumenta, mas isso não funciona para o bem de todos. Para grupos individuais dentro de um povo e para povos inteiros, o resultado é um círculo vicioso de pobreza, trabalho, enfermidade e exploração”[12].

Assim, alguns conservadores, inclinados a uma certa “lealdade” ao Evangelho, muitas vezes questionam (em outros casos infelizmente julgam e condenam) se o cristão deve se envolver com questões políticas.

É inconcebível pensar um “não” como resposta. É óbvio que o tema “política” deve estar no rol de discussões do cristão. É por meio da dialética no ceio da essência verdadeira da polis que o debate público deve sintetizar as melhorias que o mundo precisa. Jesus repartiu, implantou o amor ao próximo e desafiou os ricos.

O cristão é encorajado a fazer o mesmo. São desafiados a praticar o bem ao próximo, a matar a fome de alguém, a oferecer ajuda aos necessitados, a brincar com as crianças, a oferecer amor e uma palavra amiga de conforto..., e como consequência do amor de Cristo que está em nós; deve oferecer a oportunidade de salvação e vida eterna em Deus.

[12] MOLTMANN, 2011, p. 407.

“Sem amor, a obra exterior de nada vale, mas tudo o que for feito com amor, ainda que insignificante e desprezível aos olhos do mundo, se torna extremamente frutífero. Porque para Deus vale mais a medida do amor que o homem põe no que faz, e não quanto ele faz. Faz muito quem muito ama”[13].

A situação socioeconômica é uma grande fonte de geração de desesperança e falta de fé em função das condições insalubres, da falta de acesso à alimentação de qualidade, da miséria, da falta de saneamento básico, do empobrecimento contínuo e do descaso governamental iniludível.

Nesse cenário inóspito, os governantes são os principais responsáveis pela falta de garantia dos direitos humanos básicos e essenciais à vida. Contudo, como cristãos transformados e remidos (Mc 11:25-26), e seguidores daquele que pregou o amor (Jo 12:26), temos compromissos e responsabilidades perante a sociedade. É o nosso testemunho cristão que deve ser condizente com os ensinamentos de Jesus capazes de transformar a vida do ser humano (Jo 8:14).

Viver na desesperança é, muitas vezes, antecipar a morte estando ainda vivo. Viver na desesperança é ter a morte muito próxima, que acontece em decorrência do pecado humano e de sistemas autoritários que, injustamente, são construídos para a exploração e opressão do que se denominou ser “capital humano”. Nessa perspectiva, a vida em Cristo nos convida à práxis da caridade.

[13] KEMPIS, Tomás. *Imitação de Cristo*. São Paulo: Mundo Cristão, 2017, p. 36.

“A caridade significa ‘amor no sentido cristão’. Mas o amor no sentido cristão não é uma emoção. Não é um estado do sentimento, mas da vontade: aquele estado da vontade que temos naturalmente com a nossa pessoa, mas devemos aprender a ter com as outras pessoas”. [14]

O desesperançado perde todos os motivos da vida. Nunca isso poderá estar certo porque a vida é dom de Deus para todos. Economicamente, poucos não podem se sobressair sobre muitos, pois todos os homens são filhos do Deus Pai (Jo 1:12; 3:5-8; 11:52; Rm 8:16; 1 Jo 3:1-10). A falta da esperança provoca tristes consequências como os suicídios, os homicídios, os problemas emocionais e psíquicos, os desequilíbrios e tantos outros ataques contra a vida humana.

A realidade desses problemas de ordem humana e social intensificam o senso de responsabilidade do cristão, diante de uma parcela da sociedade profana, dita pós-moderna, neoateísta, sem religião, que considera ter ultrapassado Deus, que está na frente de Deus, e que na verdade está regada ao desamor da falta do poder Supremo que acolhe, conforta e cura.

Como cristãos, devemos parar, devemos refletir e, sobretudo, planejar ações nessa realidade que não espera para piorar. Com amor e compromisso com Deus e com o semelhante, toda a jornada de ação e justiça social se tornam possíveis.

O anúncio da esperança cristã na evangelização

Anunciar o Evangelho é uma ordenança direta de Jesus (Mt 28:19; Mc 16:15). Não é um simples convite para quem quiser e se interessar pela evangelização, pois, na verdade, o ministério precípua de todo cristão é pregar a Mensagem da Cruz e fazer discípulos de todas as nações.

[14] LEWIS, Clive Staples. Cristianismo puro e simples. Rio de Janeiro: Thomas Nelson Brasil, 2017, p. 175-176.

Enfim, é ousado afirmar, mas Deus não vai pregar o Evangelho porque comissionou[15] o homem para essa missão tão importante para o Reino. Desde a criação, Deus tem envolvido o homem em alguns de seus atos, inclusive servindo-se das entranhas humanas no cumprimento e realce de vários milagres pelo seu poder.

Um Deus fiel e justo, que chama seus filhos para ações em amor, precisa ser o centro do caráter e das atividades dos seres e das coisas. Pregador o amor de Deus junto aos enlutados nada mais é que praticar o amor que o Pai oferece para perdoar e salvar.

“A espera da consumação plena da história fica assim diferida. Longe de significar um desentendimento do sofrimento dos inocentes, expressa a confiança paciente e ativa na presença amorosa que habita os justos e que os move a seguir buscando sempre caminhos de vida para todos, ainda que isso lhes custe a vida”[16].

Acreditamos, imponentemente, na ideia de que o anúncio da esperança cristã no escopo da evangelização possa reduzir os impactos da desesperança construída na vida daqueles que padecem. Entretanto, para que isso seja possível, em instância inicial, o cristão precisa compreender que é um comissionado de Deus na pregação do Evangelho e na missão de fazer discípulos em todos os povos.

Ser um comissionado ativo significa não se intimidar pelas dificuldades que estão no porvir. Sendo assim, “a cruz nos chama para um tipo de evangelização muito mais radical e custoso do que a maioria das igrejas tem começado a examinar, muito menos a experimentar”[17].

[15] A Grande Comissão instituída em Marcos 16:15 e Mateus 28:19 para evangelização e discipulado

[16] MENDOZA-ÁLVARES, Carlos. Deus ineffabilis: uma teologia pós-moderna da revelação do fim dos tempos. São Paulo: É Realizações, 2016, p. 427.

[17] STOTT, John. A cruz de Cristo. São Paulo: Editora Vida, 2006, p. 296.

Em segunda instância, o cristão precisa se libertar do enclausuramento denominacional, pois esse desprendimento permite enxergar que nas ruas, nas comunidades, debaixo dos viadutos, nas periferias, nos lixões, nos esconsos da miséria, e, de igual modo, nas escolas, nas universidades, nas empresas, nos eventos luxuosos, que a realidade nos intima a agir em amor ao semelhante seja qual for sua condição sociocultural e econômica, pois a salvação é para todos.

“Viver com esperança neste contexto é estar disposto e decidido a dar razões daquilo que crê e, ao mesmo tempo, estar aberto para acolher o novo que chega até nós. É ter clareza de que o mundo de hoje se mostra bastante plural, o que vai fazer com que tenhamos a capacidade de se despir de preconceitos, mas que possamos também nos abrir para entender a realidade. Neste mundo plural, a desigualdade social, a violência, a miséria, a pobreza, a morte de inocentes, a injustiça ainda são marcas que devem ser superadas; e a esperança cristã e a sua missão devem se fundar nisso”[18].

E esse agir que é o ápice do nosso estudo, deve ser dialogal para romper os preconceitos, entender e aceitar o diferente, e dar garantia da acolhida plena e verdadeira dos desarrimados. Esse comportamento só é possível a partir de quem ama ao próximo em decorrência do amor de Deus para com a humanidade, hospedado em graça e benevolência imerecidas. Quem ama e sabe que é amado por Deus imprime ações condizentes com o coração do Altíssimo. Quem foi justificado por Deus e que está livre da condenação (Rm 8:1), precisa estar preocupado com as injustiças que assolam muitos marginalizados como um pensamento coerente e autêntico.

[18] KUZMA, Cesar. O futuro de Deus na missão da esperança: uma aproximação escatológica. São Paulo: Paulinas, 2014, p. 70-71, apud KUZMA, Cesar. Por uma esperança responsável: interpelações éticas e teológicas para uma nova práxis. Pistis & Praxis. Curitiba, v. 10, n. 2, 290-307, maio/ago. 2018, p. 297.

“A teologia cristã chamou de a temporalidade escatologia, quer dizer, uma existência que mantém a tensão entre realização presente e atuante da salvação e seu pleno acabamento sempre por chegar. No entanto, da perspectiva da desconstrução pós-moderna e do desejo mimético, não é suficiente falar da tensão da temporalidade escatológica para dar razão da atualidade da redenção, senão que, pela vida dos justos que revelam a gratuidade do amor incondicional e sem medida que é Deus, a temporalidade é já transfigurada em sua imanência aberta como uma ferida e como uma mão que compartilha. Não é preciso, portanto, esperar um futuro distante, mas contemplá-lo vivo e atuante no presente conflituoso graças aos justos e inocentes. A história não cessará de ser violenta, mas a vida dos justos entregue no amor assimétrico e não recíproco será a única realidade que permanecerá e que transcenderá”[19].

É preciso também que o cristão se esforce para vencer as dificuldades que muitas vezes por ele mesmo são criadas. Fomentar percalços que não existem, levantar adversidades, criar motivos insustentáveis, se apegar a tribulações e crises do ilusório e inventar razões e desculpas são clássicos sinais de covardia e falta de comprometimento com o Evangelho.

O prazer do amor de Deus na vida humana, sua habitação deleitosa no interior do ser, sua justificação incompreensível e seu ato apaixonante na cruz para oportunizar salvação aos que não merecem, deve (ou deveria) priorizar as atividades que são executadas pelos comissionados da Grande Comissão.

[19]MENDOZA-ÁLVARES, 2016, p. 431.

“Pelo fato de o Cristo ressuscitado chamar, enviar, justificar e santificar, ele, com respeito ao mundo, reúne, chama e envia homens para o seu futuro escatológico. O Senhor ressuscitado é sempre o Esperado pela igreja, e esperado pela igreja para o mundo todo e não para ela somente. Por isso, o cristianismo não vive de si mesmo e para si mesmo, mas do senhorio do ressuscitado e para o senhorio futuro daquele que venceu a morte e traz vida, justificação e o reino de Deus. Esta orientação escatológica aparece em tudo aquilo de que a igreja vive e para o que vive. A igreja vive da palavra de Deus, da palavra anunciada, palavra que anuncia e que envia. Essa palavra não tem em si mesma uma qualidade mágica”[20].

Na realidade de quem sofre, muitas vezes apenas algumas palavras de conforto já podem trazer um alento inicial e necessário para o enfrentamento da ocasião de luta e dor. Para isso, consideramos que não seria tão dispendioso ou estafante falar de Jesus para as pessoas nas ruas, nos cenários onde a agonia é presente seja qual conotação ela tiver. Aliás, esse custo seria quase zero se comparado ao fato de termos sido comprados por meio do sangue de Jesus no madeiro (1 Pe 1:18) que nos salva da condenação que é genuinamente merecida (Rm 3:23; 6:23).

Não deve ser penoso, diante de tantos outros compromissos naturais do estilo de vida moderno e líquido[21], separar um tempo de ações para oportunizar conforto espiritual aos necessitados, mesmo que seja, aparentemente, ineficaz sob os crivos humanos falíveis e intrincados.

[20] MOLTMANN, 2011, p. 404-405.

[21] Zygmunt Bauman foi um sociólogo e filósofo polonês renomado internacionalmente pelos seus escritos sobre Sociedade Líquida. Na obra *Modernidade Líquida*, o autor analisa, com critério refinado e crítica apurada, cinco conceitos basilares para a organização da vida em sociedade: a emancipação, a individualidade, o tempo/espaço, o trabalho e a comunidade. O artigo denominado *Sixty-three years of thinking sociologically: Compiling the bibliography of Zygmunt Bauman*, escrito por Jack Palmer (Universidade de Leeds, Reino Unido), Dariusz Brzeziński (Instituto de Filosofia e Sociologia da Academia Polonesa de Ciências, Polônia e Universidade de Leeds, Reino Unido) e Tom Campbell (Universidade de Leeds, Reino Unido), apresenta uma organização muito consistente das pesquisas e biografia de Bauman. O referido artigo está disponível em: <<https://journals.sagepub.com/doi/full/10.1177/0725513619898289>>.

“Mas é importante frisar que aqui se mudam as perguntas, pois o objeto desta esperança, aquilo que se espera, será definido não apenas no propósito do ‘para que se espera’ (na finalidade), mas também em vista do “por que” e ‘por quem se espera’, e estes ‘por que’ e ‘por quem’ fundamentam e definem a razão e o destino desta esperança. A diferença vai estar na força que nutre cada esperança e no destino que a aguarda, a sua realização. Há uma razão teológica neste ato porque Cristo é a fonte desta esperança (cf. Cl 1,27), sobretudo pela antecipação que nos é oferecida pelo evento de sua ressurreição que avança no tempo e nos toca no íntimo de nossa existência, junto aos dramas e tramas da história, provocando-nos a agir e a caminhar na sua direção, rumo a um futuro novo que nos foi prometido e que só pode ser garantido por esta esperança”[22].

Jesus é a Esperança mais importante da vida humana. Se viver o Reino antecipado já é esplêndido, viver no Reino de forma efetiva na eternidade deve ser algo que no momento só podemos dizer que é indescritível. Precisamos, na condição de cristãos, fazer essas sensações maravilhosas chegarem aos confins do mundo (At 1:8).

Considerações finais

Diante dos resultados alcançados com o estudo, foi possível perceber que as dificuldades que o ser humano enfrenta, pertinentes à vida, provoca desesperança. É notório que o amor de Deus é capaz de transformar essa desesperança em esperança com conteúdo concreto e promessas que já se realizam. Entretanto, o amor de Deus precisa de um fio condutor na vida dos cristãos. Esse canal pode ser o próprio Deus, pois justo e poderoso pode fazer o que quiser e da forma que bem entender. Mas Deus é envolvente.

[22] KUZMA, 2018, p. 294.

Ele chamou o homem para atingir seus planos e objetivos e estabelecer um relacionamento de amor. Então, Deus dá atribuições e responsabilidades ao homem. Nesse sentido, os povos devem ser atingidos pelos impactos da Palavra de Deus na missão evangelística, sendo o ser humano o canal de Deus para esses desígnios.

Chegamos à solução para o problema de pesquisa que estribou esse trabalho, isto é, o anúncio da esperança cristã pode suplantar ou substituir a desesperança, já que ambas não podem subsistir unissonantes. O objetivo final foi atingido, pois a discussão levou à conclusão de que é possível minimizar a desesperança com a pregação do Evangelho e no anúncio da esperança cristã. Foi notório identificar que o amor em Jesus é uma fonte de energia inesgotável que impulsiona para a evangelização e para a sensibilidade de entender a realidade social dos que passam lutas.

O olhar para a realidade lastimável do mundo e para a necessidade de evangelização precisa ser cravejado no coração dos evangelistas. O historiador italiano Carlo Ginzburg (2001) em sua obra “Olhos de Madeira”[23] apresenta nove reflexões sobre a distância que pode ser harmonizado com os compromissos no anúncio do Evangelho. Olhar com distância e estranheza para a realidade da pobreza e para as responsabilidades cristãs, neutraliza a práxis da espiritualidade e macula nossa relação com o Pai de amor.

E para finalizar, a esperança cristã terá mais condições de impactar a vida humana nas necessidades, se as igrejas entenderem que têm um papel muito importante entregue por Deus para ser sentido e cumprido no cenário social contemporâneo, a evangelização. Percebendo que do interior de igrejas, olhando direção ao interno, é impossível ver o rosto do sofrido e as necessidades que emergem das dores e fraquezas humanas.

[23] GINZBURG, C., Olhos de madeira, n.p

Referências

BAUMAN, Zygmunt. **Modernidade líquida**. Rio de Janeiro: Zahar, 2021.

BÍBLIA de Jerusalém. Nova ed. rev. e ampl. 2. impr. São Paulo: Paulus, 2003.

GINZBURG, Carlo. **Olhos de madeira**: nove reflexões sobre a distância. São Paulo: Companhia das Letras, 2001.

KEMPIS, Tomás. **Imitação de Cristo**. São Paulo: Mundo Cristão, 2017.

KUZMA, Cesar. **O futuro de Deus na missão da esperança**: uma aproximação escatológica. São Paulo: Paulinas, 2014.

KUZMA, Cesar. Por uma esperança responsável: interpelações éticas e teológicas para uma nova práxis. **Pistis & Práxis**. Curitiba, v. 10, n. 2, 290-307, maio/ago. 2018.

LEWIS, Clive Staples. **Cristianismo puro e simples**. Rio de Janeiro: Thomas Nelson Brasil, 2017.

MENDOZA-ÁLVARES, Carlos. **Deus ineffabilis**: uma teologia pós-moderna da revelação do fim dos tempos. São Paulo: É Realizações, 2016.

MOLTMANN, Jürgen. **O Deus crucificado**: a cruz de Cristo como base e crítica da teologia cristã. Santo André/SP: Academia Cristã, 2011.

MOLTMANN, Jürgen. **Teologia da esperança**: estudo sobre os fundamentos e as consequências de uma escatologia cristã. São Paulo: Loyola, 2005.

MOLTMANN, Jürgen. **Teologia da esperança**. São Paulo: Herder, 1971.

PFEIFFER, Charles. F.; VOS, Howard. F.; REA, John. **Dicionário bíblico Wycliffe**. 4.ed. Rio de Janeiro: CPAD, 2000.

STOTT, John. **A cruz de Cristo**. São Paulo: Editora Vida, 2006.

VIER, Raimundo.; FERNANDES, Floriano de Sousa. **Immanuel Kant: textos seletos**. 9. ed. Rio de Janeiro: Vozes, 2012.

Texto recebido em 13.05.2023 e aprovado em 20.06.2023